

Associei-a ao caso, noticiado há algum tempo por um jornal, sobre uma prostituta holandesa que realizou uma cirurgia nos seios para implante de próteses de silicone e, em seguida, pediu judicialmente o direito de deduzir o valor pago pela cirurgia na apuração do imposto de renda, sob a alegação de que havia realizado um melhoramento em seu próprio empreendimento. Analisando este fato à luz da teoria marxista, sabemos que o dono dos meios de produção vende mercadorias cuja propriedade também lhe pertence. O trabalhador, desprovido dos meios de produção, possui somente a sua força-de-trabalho como mercadoria a ser ofertada ao mercado. Bem, com a evolução do capitalismo e o avanço tecnológico, o conhecimento tornou-se indispensável para o operários que quisessem continuar incorporados ao mercado.

Aqueles que não acompanharam a evolução tecnológica viram a sua mercadoria força-de-trabalho perder o valor-de-uso, porque incapaz de transferir e criar valor. Diante disso cria-se o dilema: que mercadoria esse trabalhador irá oferecer? Ora, só resta o próprio corpo. E eis a substituição, a prosmicuidade, o ser humano idiotizado pelo capital. Não quero, com isso dizer que não existam outras explicações para tais comportamentos, ligados a sociologia e a própria psicologia.

O capitalismo em seu nascedouro apresentava a promoção do bem-estar como uma de suas premissas básicas, e, ainda hoje, o defende. Entretanto, é patente que esse bem-estar não pode ser renegado àqueles que verdadeiramente fazem o sistema. O papel do Estado deve, já foi, e ainda está sendo discutido, como instrumento na implementação de mudanças estruturais, no sentido de colocar todos e, não somente alguns, como objeto fundamental de sua ação ●

*Jucelino Mendes da Silva é aluno do Curso de Ciências Econômicas/UFPI

COMPLEXAS RELAÇÕES...

Marcelo Ricarte *

Fazendo um breve retrospecto na história econômica brasileira, começando pela década de 70, onde o Brasil ainda vivia sob os efeitos do então chamado "milagre econômico", percebemos que este foi um período em que os assuntos econômicos começaram a ganhar destaque no nosso país, deixando-os de serem encontrados apenas em poucas publicações especializadas ou em reduzidas colunas de jornais e revistas de maior circulação para ganhar espaços cada vez maiores, não apenas na imprensa escrita, mas também no rádio e na televisão.

Chegamos à década de 80 e, com ela, a substituição da euforia pela angústia e apreensão. O crescimento acelerado da economia brasileira cedeu lugar a um quadro muito mais sombrio, em que se combinavam a estagnação econômica prolongada, a inflação crônica e o desequilíbrio das contas externas. A moeda nacional, que mudou de nome várias vezes em poucos anos, não parava de se desvalorizar e os salários, corroídos pela inflação, perdiam o seu poder de compra rapidamente. Até por questão de sobrevivência, todos passavam a tentar se informar minimamente sobre economia e expressões até então de domínio restrito passaram a ser conhecidas de milhões de brasileiros, interessados em saber como defender seu patrimônio dos estragos provocados pela inflação.

Este foi o tema em torno do qual se dirigiram as atenções não somente dos cidadãos comuns, mas também dos empresários, dos jornalistas e dos profissionais de economia, todos estes afetados, de uma forma ou de outra, pela conjuntura adversa.

Multiplicaram-se os índices de preços divulgados à população brasileira. E os noticiários limitava-se a uma série de tentativas de explicação do que estava acontecendo. O horizonte tornava-se cada vez mais curto e quase já não se praticava planejamento de longo prazo. O ambiente econômico sofreu poucas e insignificantes modificações até meados da década de 90, a não ser pelos sobressaltos provocados por uma série de planos de estabilização mal sucedidos.

A partir da segunda metade da década de 90, com a economia estabilizada, as discrepâncias entre os diferentes índices de preços deixam de ser expressivas e, com isso, as prioridades passaram a ser o nível de produção da economia, a produtividade empresarial, as alterações na balança comercial, a questão do emprego e outros temas dessa natureza.

Tais fatos exigem maior capacidade de análise dos economistas, uma vez que agora não basta saber apenas dar explicações sobre índices de preços ou apontar o vilão do mês responsável pelo aumento da inflação. É preciso, cada vez mais, entender as complexas relações entre a macro e a microeconomia. E isto não pode deixar de ser percebido também por aqueles que se encontram hoje matriculados nos cursos de economia ●

* Marcelo Ricarte é aluno do Curso de Ciências Econômicas/UFPI